

Autonomia como heteronomia: entre cadeias de dependência e interdependência.

Lia Fonseca Lattman-Weltman

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

<http://lattes.cnpq.br/6778850268945621>

liaweltman@gmail.com

173

Em *Investigação sobre os modos de existência*, Bruno Latour utiliza a expressão “ser-enquanto-outro” em oposição ao “ser-enquanto-mesmo” ou “ser-enquanto-ser” (2019, pp.130-139). A ideia é que, antes de atribuir sua existência contínua a uma espécie de substância que, estando “por baixo” de toda movimentação da realidade, garantiria essa continuidade, os seres – sejam esses humanos ou não humanos – devem essa permanência à sua própria atividade, uma atividade que se associa não à noção de substância, mas de subsistência. Trata-se antes de uma tarefa, um trabalho ou desafio, que se impõe a tudo o que existe e que pretende continuar existindo, algo sempre por fazer.

Para existir, é preciso agir. Essa tarefa, no entanto, só é passível de realização por meio dos outros. Agir, aqui, significa fazer outros passarem à ação, bem como reagir à ação de outros; convidar os próximos a agirem de certa forma, bem como ser *feito fazer* algo por parte dos antecedentes. Há, portanto, uma espécie de cadeia de ações que se forma, em que se inscrevem tanto diferenciações quanto repetições: “Se você ‘faz fazer’ os deveres de férias de seus filhos, significa que você não os faz você mesmo e que eles não os fariam sem você.” (*ibid*, p. 135). Em qualquer tipo de continuação ou reação, portanto, há um nexo que é traçado entre agentes, no qual as ações dos anteriores se tornam condição para as dos seguintes. Assim, mais do que permitir sua existência prolongada como tal, os outros – seu meio, suas condições, seu ambiente – possibilitam ao ser em questão, seja ele qual for, agir. Tanto sua existência como sua capacidade de ação vêm dos outros. Trata-se, portanto, de uma heteronomia. É na esteira desse raciocínio que Latour pode afirmar: “nada mais ‘heterômato’ do que um autômato” (*ibid*, p. 186).

Os outros, enquanto condição, parecem funcionar aqui tanto como fonte da possibilidade de continuidade e de ação, quanto como obstáculos, já que os fins dos diferentes seres frequentemente entram em conflito, e negociações, trocas e acordos devem ser travados. As condições então, em certo sentido, são intransponíveis. Há uma dependência que não pode ser negada. Ao mesmo tempo, há uma dimensão de liberdade que tampouco pode ser negligenciada. Nunca está dado de antemão – pelos antecessores – como um ser responderá às demandas de seu ambiente, i.e., dos outros seres.

Os outros são aqui pensados como condição, portanto, tanto em sentido positivo, enquanto aquilo que fornece possibilidade de existência e de ação, quanto em sentido “negativo”, como aquilo que limita ou restringe essas possibilidades. De que maneira isso é possível? Para respondê-lo, se recorrerá também ao pensamento de Alfred North Whitehead, principalmente à obra *Processo & Realidade*, e à diferenciação fornecida pela filósofa Isabelle Stengers entre cadeias de dependência e interdependência (Stengers, 2020).

Palavras-chave: Autonomia. Heteronomia. Dependência. Interdependência.

Bibliografia

LATOUR, B. *Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

STENGERS, I. We Are Divided. *E-Flux Journal*. Nova York, E.U.A., n. 114, dezembro, 2020. Disponível em: <<https://www.e-flux.com/journal/114/366189/we-are-divided/>>. Acesso em 1 de outubro de 2023.

WHITEHEAD, A. N. *Process and Reality: An Essay in Cosmology*. Nova York: The Free Press, 1978. [1929].